

“A abstenção jovem”

Um dos grandes problemas que o país enfrenta é sem dúvida a abstenção, essencialmente a **abstenção jovem**. A abstenção, ou como o nosso dicionário de Língua Portuguesa define, “ato de recusa voluntária de participar numa votação”, é a grande vencedora das eleições em Portugal, esta é uma verdade que incomoda e insistimos em não querer ver e em nada fazer.

O ano que se avizinha contará com dois grandes atos eleitorais, a eleição do Presidente da República e posteriormente as eleições autárquicas. Todavia, e longe de querer ser uma mensageira da desgraça, já podemos presumir que, mais uma vez a abstenção não só será a grande vencedora como irá registar novos máximos históricos. Ora notemos nas Legislativas, em 1975 a abstenção fixou-se nos 8,5%, este número tem vindo a crescer paulatinamente e no último ato eleitoral ocorrido no ano 2019 o valor foi de 51,4%.

Convido-vos a fazerem comigo a seguinte reflexão, **QUAIS SÃO AS CAUSAS PARA UMA ABSTENÇÃO TÃO ELEVADA?**. Várias teorias podem ser elaboradas para explicar estes números, mas considero que a principal assenta na descrença que o povo português tem na política nacional e nos seus governantes, pois há sempre aquele pensamento conhecedor de todos nós, “com tantos milhões de eleitores o meu voto não faz a menor diferença” ou “ganham sempre os mesmos pra quê que eu vou votar?”.

Estes pensamentos conjugados com as inúmeras tentações, como por exemplo, o de uma ida à praia num domingo de sol, ou o jogo do meu clube preferido, etc... onde inevitavelmente tende-se a fazer o raciocínio de custo – oportunidade, “será que compensa sacrificar A ou B pra ir votar?” e depois finaliza-se como a desculpabilização interior, “ahhhh para a próximo não falho, para a próxima eu vou votar”. Pois é meus amigos, com isto chegamos a uma abstenção perto dos 50% que nos deve envergonhar a todos.

O voto é necessário para a manutenção da democracia, uma vez que o poder sobrano pertence ao povo e trata-se da oportunidade que todos nós temos para contribuir para o rumo que consideramos mais apropriado para o nosso país.

Mais que um direito, encaremos o VOTO, como um dever cívico essencial. Sou apologista do Estado Social de Direito e jamais o voto deve ser obrigatório, isso ia contra aos nossos princípios constitucionais, daí o voto ser um direito e não o ser encarado como dever. Porém, não deixa de ser um dever cívico.

Sou uma positiva, e acredito que a grande aposta passa pela consciencialização, e aqui chamo à atenção para os dois grandes grupos, onde a abstenção é mais acentuada, nos jovens, especialmente naqueles que votam pela 1ª vez, e nos portugueses residentes no estrangeiro, onde em 2019 a abstenção se fixou nos 89,2%. Assim sendo, nós como jovens, nós como juventude partidária temos a responsabilidade de ajudar com contributos válidos para inverter esta situação.

Desde já deixo à reflexão o meu contributo com duas medidas que julgo terem potencial na atenuação deste flagelo, como, o voto eletrónico, mas sempre presencial, visto que temos um cartão chipado, é fácil o controlo em qualquer ponto do país, não sendo obrigatório estar recenseado nessa assembleia de voto, utilizando sempre o cartão de cidadão com um dispositivo eletrónico. Assim, acaba-se com as desculpas. Outra medida que proponho é a aposta em benefícios fiscais, para quem exerce o direito de voto.

Camaradas, não somos só cada um de nós que fica a ganhar com a taxa de abstenção mais baixa, somos todos nós, Portugal inteiro, pois a fomentação de medidas da discriminação positiva do voto vão combater a abstenção.

Termino com um apelo que deixo a cada um de vós, sejamos todos agentes de consciencialização, pois está nas mãos de cada um de nós, que nas próximas legislativas presidenciais e autárquicas façamos história, sim, mas pela abstenção mais baixa dos últimos anos.